

AÇÕES DE EXTENSÃO: TRABALHO SOLITÁRIO OU POSSIBILIDADES DE CONEXÕES ENTRE ENSINO E PESQUISA?

Extension acts: solitary work or possible connection between teaching and research?

Silvia Sell Duarte Pillotto⁹

RESUMO

Este artigo fará um pequeno recorte relacionado às experiências referentes a um Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação - NUPAE, criado em 2003 na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, município de Joinville, Santa Catarina, Brasil, que num primeiro momento desenvolvia ações de natureza Institucional, ampliando posteriormente para ações Interinstitucionais. A idéia da criação de um Núcleo de Pesquisa perpassava pela vontade de realizar projetos compartilhando ensino, pesquisa e extensão, tríade fundamental para que realmente se possa pensar em construção, socialização e (re) significação do conhecimento.

Palavras Chave: Núcleo de Pesquisa; construção de conhecimento; socialização.

ABSTRACT

This work is related to the experiences referent an Art and Education Research Nucleon (Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação – NUPAE), created in 2003 at the University of the Region of Joinville – UNIVILLE, city of Joinville, Santa Catarina State, Brazil, that at a first moment developed actions of Institutional nature, amplifying, afterwards, to Interinstitutional actions. The idea of the creation of a Research Nucleon was conceived with the will of creation projects that share teaching, research and extension, fundamental triad so that it can really be thought in construction, socialization and meaning of knowledge.

Keywords: Research Nucleon; knowledge construction; socialization.

RESUMEN

Este artículo hará un pequeño recorte relacionando a las experiencias referentes a un Núcleo de Investigación en Arte en la Educación – NUPAE, creado el 2003 en la Universidad de la Región de Joinville – UNIVILLE, municipio de Joinville, Santa Catarina, Brasil, que en un primer momento desarrollaba acciones de naturaleza institucional, ampliando posteriormente para acciones Interinstitucionales. La idea de la creación de un núcleo de investigación perpasaba por las ganas de realizar

⁹ Pós- Doutora Em Sociologia da Infância, pelo Instituto de Estudos da Criação na Universidade do Minho, Portugal; Doutora em Engenharia da Produção (Gestão) pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; Mestre em Educação (Currículo) pela Universidade Federal do Paraná – UFPR; Professora nos cursos de Artes Visuais e Pedagogia; Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação – NUPAE, na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE.

proyectos compartiendo enseñanza, investigación y extensión, tríade fundamental para que realmente se pueda pensar en construcción, socialización y (re) significación de conocimiento.

Palabras Clave: Núcleo de Investigación; construcción del conocimiento; socialización.

Introdução

Nas últimas décadas uma discussão tem sido motivo para reflexões no campo acadêmico: como articular ensino, pesquisa e extensão? Essa não é uma tarefa fácil, pois implica em relações de ordem administrativa e pedagógica inseridas nas concepções filosóficas apropriadas pelos seus autores no contexto Institucional.

A partir dessa perspectiva, foi criado o Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação – NUPAE, legitimando o interesse e vontade de um grupo de profissionais que buscava trocar experiências e aprofundar questões relacionadas à educação, à arte e à arte na educação. Como aborda Thompson (1981, p.15) essas relações “compreendem a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento.” Reiterando as palavras do autor, o convívio que temos com determinado grupo, embora cada um dos membros tenham suas singularidades, possibilita o planejamento de metas em comum e, amplia experiências cognitivas e sensíveis. Trata-se, segundo Dubet (1996, p. 94) “de uma maneira de sentir, de ser invadido por um estado emocional suficientemente forte para que o actor deixe de ser livre, descobrindo ao mesmo tempo uma subjetividade pessoal”.

Num grupo, ao mesmo tempo em que temos nossas próprias identidades, nos apropriamos das identidades de outrem, e nesse momento somos livres e prisioneiros ao mesmo tempo. Essa relação é próxima à idéia do desejo de ser no outro e de olhar através do outro para nos construirmos também a partir do outro. Essa também é uma questão que está relacionada à identidade. Nas palavras de Costa

De uma concepção uma, centrada, equilibrada, coerente e estável de identidade, passa-se a fragmentação. Podemos ser um e muitos, ao mesmo tempo e em diferentes tempos. A identidade parece que está a deriva no tempo e no espaço, o que a torna permanentemente capturável, ancorável, mas, paradoxalmente, ao mesmo tempo escorregadia – uma celebração móvel... (COSTA, 2006, p. 94).

Identities e experiências se conectam num Núcleo de Pesquisa que tem em suas bases conceituais e vivenciais a idéia de que “a experiência é uma actividade cognitiva, é uma maneira de construir o real e, sobretudo, de o verificar, de o experimentar, uma maneira de construir o mundo.” (DUBET: 1996, p. 95). Portanto, o que realizamos enquanto Núcleo de Pesquisa está particularmente ligado ao que pensamos, sentimos, interpretamos e (re) significamos a partir de nossas identidades e experiências.

Qual é a identidade do NUPAE?

Em 2003, surgia o Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação – NUPAE com o compromisso de desenvolver pesquisas de cunho multidisciplinar, tendo como ponto de partida a Arte e a Educação, disseminando-as e socializando-as, a fim de construir conhecimentos e compartilhá-los com a comunidade, em ações de ensino, pesquisa e extensão.

Esse Núcleo inicialmente tinha natureza Institucional, atuando no contexto da universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, com ações que incluíam professores dos Departamentos de Artes Visuais, Pedagogia, Psicologia, Letras, História, além de Coordenadores e Administradores de Escolas Públicas e Privadas. Ao todo, somos em torno de 12 profissionais, que desenvolvem ações no ensino, pesquisa e extensão.

No entanto, logo percebemos que necessitávamos ampliar nossas ações e parcerias, especialmente no sentido de unirmos forças políticas. Essas parcerias poderiam contribuir para que pudéssemos expandir nossos conhecimentos e experiências acerca do currículo, avaliação, infância, gestão, cultura e arte na educação, exercendo nosso papel enquanto pesquisadores e profissionais das áreas envolvidas. Desta forma, atualmente temos duas vertentes no NUPAE: o grupo Institucional (UNIVILLE) e o Interinstitucional, formado pelas seguintes instituições: Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE, Universidade da Região de Blumenau - FURB, Universidade do Planalto Serrano - UNIPLAC, Universidade do Contestado - UnC, Universidade da Região Sul de Santa Catarina - UNESC e Universidade para o Desenvolvimento de Santa Catarina - UDESC, com

15 profissionais da área de Arte na Educação. São Instituições do Estado de Santa Catarina que possuem cursos de Formação em Arte na Educação e que buscam parcerias no trabalho de ensino, pesquisa e extensão.

As atividades Institucionais acontecem mensalmente por meio de um grupo de pesquisa e estudos que se reúne com o intuito de abordar questões de interesse da comunidade. Escolhe-se um tema que é amplamente investigado durante certo tempo, com atividades como: fóruns, seminários, congressos, reuniões e publicações.

As ações Interinstitucionais acontecem trimestralmente e de forma itinerante, no intuito de que todas as universidades possam socializar com outros pares da Instituição (Reitoria, Pró-Reitorias, Departamentos, acadêmicos) o que vem sendo desenvolvido pelo Núcleo e suas concepções relacionadas ao ensino, pesquisa e extensão. Além disso, unir forças políticas é fundamental para que o Núcleo se legitime em sua natureza Institucional para garantirmos a sua permanência.

Com relação ao tema estudado, definimos que é o mesmo para os dois grupos (institucional e interinstitucional), pois entendemos que um grupo realimenta o outro e vice-versa. As discussões são ampliadas e a produção científica é também uma culminância dessas trocas e experiências.

Nesses seis anos de existência do Núcleo, duas pesquisas foram realizadas e outra está em fase de desenvolvimento. Uma delas: *Processos curriculares em Arte: da formação ao ensino básico*, resultou em várias apresentações em eventos científicos e, em um livro pensado e escrito pelo Grupo Interinstitucional, *As linguagens da Arte na educação infantil*, culminando em formação continuada para professores de educação da Rede Pública e também com publicação. Esse trabalho sintetizou um processo de pesquisa, ensino e extensão na sua completude. Atualmente estamos desenvolvendo a pesquisa relacionada aos *Processos avaliativos em arte: da formação ao ensino básico*, tema bastante complexo que merece um estudo mais aprofundado e muita reflexão.

Vale ressaltar que os estudos e investigações só têm sentido realmente, se articulados aos processos de extensão, na socialização do conhecimento e ao ensino, pois não é mais possível se pensar um ensino que não esteja em consonância com a pesquisa e sua disseminação.

Ensino

O que pensamos sobre ensino e aprendizagem? Nossas concepções certamente materializam aquilo que pensamos, seja no âmbito da sala de aula, seja para além dela. Sabemos perfeitamente que o ensino não consegue mais ficar a mercê do quadro e giz. O ensino precisa do aporte da pesquisa e extensão para que de fato encontre sustentação necessária, tanto do ponto de vista teórico/conceitual, quanto prático. Nessa perspectiva Cunha afirma que o professor:

[...] não mais representa o tradicional transmissor de informações e conhecimentos – acção quase em extinção em função da revolução tecnológica – mas assume uma nova profissionalidade de caráter interpretativo, sendo uma ponte entre o conhecimento sistematizado, os saberes da prática social e a cultura onde acontece o acto educativo, incluindo as estruturas sócio-cognitivas do aluno (CUNHA, 2006, p. 75).

A mesma autora aponta os desafios da educação na atualidade, afirmando que “nem os estereótipos da profissão científica nem o da prática interpretativa, em separado, conseguem dar conta do recado” (2006, p. 77). O trabalho docente hoje, “requer uma simbiose destas duas vertentes acrescidas de outras habilidades/conhecimentos/saberes que provoquem o estudante o protagonismo de seu próprio saber (CUNHA, 2006, p. 77).

O trabalho docente na contemporaneidade pressupõe que professores, gestores, alunos e comunidade construam diálogos permanentes; que possam planejar ações coletivamente. É também imprescindível que o professor “exponha as suas condições de ensino, discuta a aprendizagem dos alunos e a sua própria formação. Transgrida as fronteiras de sua disciplina, interprete a cultura e reconheça o contexto em que se dá o ensino e onde sua produção acontece” (CUNHA, 2006, p. 78).

Em nosso sistema de ensino existem pelo menos dois tipos de organizações,

[...] a universidade que se organiza e se constitui como profissão científica e erudita, que produz e aplica seu próprio conhecimento; e o ensino básico e secundário que se organiza e se constitui como uma profissão prática, que aplica na prática esse conhecimento

convenientemente contextualizado por instâncias políticas e sociais. (GERRERO, 1996, p. 173)

No entanto, é preciso no contexto atual, pensar em alternativas para que essas duas instâncias, universidade e escola possam desenvolver suas ações de forma a compartilhar problemas, necessidades e idéias, a fim de conviver em harmonia e aprender a lidar com seus conflitos. Não basta apenas a inserção da universidade na ocasião dos estágios que ocorrem nos cursos de formação. Faz-se necessário que esse diálogo se prolifere por meio da formação continuada, ação fundamental para que tanto a universidade como a escola seja compreendida como espaço de construção de conhecimentos e saberes, bem como de experiências apropriadas e socializadas.

Diante dessas considerações, o NUPAE, ligado às Pró-Reitorias de Pesquisa e Extensão, busca trazer para o bojo das discussões do grupo, questões relacionadas às suas práticas de ensino, seja no âmbito da formação inicial (cursos de licenciatura), seja no ensino básico, por meio de relatos de experiências, questões-problema ou qualquer outra que o grupo julgue pertinente.

A partir do tema e livros selecionados, organizamos pequenos grupos de trabalho que assumiram o compromisso de apresentar questões-problema e mediá-las com o grande grupo, que participa ativamente levantando outras questões, fazendo considerações, argüindo e algumas vezes comentando alguma experiência que venha a contribuir com as reflexões. É destinado também espaço para os relatos de experiências, nos quais os professores/pesquisadores socializam vivências que podem contribuir para as discussões apresentadas. Nesse momento, o grande grupo participa com sugestões e reflexões críticas, com o objetivo de contribuir nas ações de ensino.

Compreendemos que as ações de pesquisa e extensão devem estar em consonância com o ensino, ou seja, as experiências socializadas, os estudos desenvolvidos e as reflexões precisam culminar no contexto da sala de aula para que possamos repensar nossas práticas, ampliando as nossas possibilidades de ensinar e aprender.

Pesquisa

Schmidt; Garcia compreendem o professor-pesquisador como construtor de conhecimentos sobre e no ensino a partir de princípios, como

[...] a colaboração entre grupos como escolas, sistemas de ensino e universidades; a centralidade das ações que os professores realizam para planejar e desenvolver suas atividades de ensino; e, ainda, a existência de um projeto comum, elaborado de forma coletiva e no qual se articulam os interesses dos diferentes pesquisadores (SCHMIDT; GARCIA, 2006, p.257).

Sobre essa questão é relevante destacar que a pesquisa só faz sentido quando socializada e articulada às reais necessidades do contexto. No caso específico do NUPAE, sempre que selecionamos uma temática para a investigação, mapeamos as condições do cenário a ser investigado. Esse cenário pode ser a escola, o museu, a biblioteca, assim como documentos, como: currículo, livro didático, projeto político pedagógico, entre outros. Os protagonistas da pesquisa geralmente são professores, estudantes, gestores e artistas. Além disso, nos preocupamos com pesquisas relacionadas aos espaços escolares: como são construídos? Como são ocupados? Quais identidades são construídas a partir dos espaços? De que forma a arte no currículo está conectada a esses espaços?

É perceptível um vácuo entre a universidade e as escolas. Os motivos são vários, entre eles estão: a inexistência de diálogo, a falta de articulação política e pedagógica e o jogo de poder. Existe ainda a velha rixa de quem são os culpados pelos problemas educacionais e, dos cursos de formação que não ‘preparam’ adequadamente seus professores e gestores ou do ensino básico que não “prepara” seus alunos para aprofundarem os conhecimentos do ensino universitário. A questão não é a de procurar culpado e vítimas, mas, sobretudo de maneira compartilhada pensarmos em alternativas em prol de um ensino significativo, que realmente priorize a formação humana. Que para além dos conteúdos, procedimentos operacionais saibam também lidar com o conhecimento sensível.

O professor-pesquisador é capaz de compreender essas questões e desenvolver ações para além dos conteúdos escolares. Ele

[...] pode ser um investigador dos conteúdos de ensino quando estabelece relações com os saberes a serem ensinados e a serem apropriados que compõem os currículos oficiais e que demandam um conjunto de processos de escolha, de inclusão e de exclusão, de

privilegiamento e de secundarização de temas, assuntos, formas de abordagens dos assuntos. (SCHMIDT; GARCIA, 2006.p.257)

E o que entendemos sobre pesquisa nesse contexto? Segundo Heron (1996) a pesquisa é um processo de participação social, em que é preciso haver uma harmonia entre a autonomia do investigador e a hierarquia e respeito dele com seus pares investigados, ou seja, as tomadas de decisão precisam ser amplamente discutidas e compartilhadas. Essa relação necessita ser interativa e sempre aberta a mudanças. Para esse autor, a pesquisa é vista como um espaço intersubjetivo, no qual se materializam múltiplas formas de construção de conhecimento e uma troca de experiências fundamental entre investigador e investigado.

Autores como Hart (1992) e Shier (2001) apontam algumas categorias que podem contribuir nos processos e ritmo de uma pesquisa que tem como pressuposto as relações sócio-culturais:

- Mobilização: o pesquisador compreende o investigado como um parceiro, que participa não apenas como objeto de estudo, mas também influenciando nas possíveis mudanças relacionadas aos temas, objetivos e metodologias.
- Parceria: Tanto pesquisador como investigado desenham os rumos da pesquisa e ambos tomam decisões referentes aos seus rumos.
- Protagonismo: O investigado é autor do processo e dele depende também o desenho que se construirá para a pesquisa. Portanto, há nessa relação certa cumplicidade, em que ambos participam de um jogo do qual os possíveis resultados estarão sempre relacionados aos modos de percepção de um e de outro.

Extensão

Essas são preocupações também da área de Extensão da Universidade da Região de Joinville. Ou seja, as atividades devem estar voltadas para o desenvolvimento de práticas acadêmicas articuladas as atividades de Ensino e Pesquisa, percebendo as demandas da sociedade e contribuindo para a formação do profissional e do cidadão. As atividades de ação comunitária voltam-se para apoiar e auxiliar a comunidade acadêmica, objetivando o atendimento das suas necessidades por meio de oportunidades que promovam a sua integração e manutenção na universidade.

Essas ações fundamentam-se em princípios de socialização do

conhecimento, no intuito de compartilhar o conhecimento acadêmico e conhecimento popular promovendo a socialização dos saberes da universidade com os saberes populares.

A inserção comunitária acontece no sentido de compreender iniciativas de educação continuada, prestação de serviços, ações comunitárias, promovendo a parceria entre universidade, comunidade e outras organizações. Na sua interface com o ensino, a extensão deve contribuir para o desenvolvimento de um processo pedagógico participativo, possibilitando um envolvimento social com a prática do conhecimento e, na sua interface com a pesquisa, deve responder cientificamente às demandas suscitadas pela comunidade.

Importante destacar que o respeito às diferenças deve ser uma constante nesse processo, bem como a valorização das potencialidades e as peculiaridades de cada universo social, compartilhando o desenvolvimento cultural, biopsicossocial, ecológico e histórico.

O NUPAE tem como pressuposto básico em suas ações o compromisso com a socialização e reflexão de suas ações. Portanto, o registro é fundamental para que se possa visualizar e disseminar as ações desenvolvidas. Utilizamos para os nossos registros individuais e em grupo, meios, como: atas, anotações individuais e em grupo, relatórios, blog (que apresenta todas as apresentações em slides do grupo, os textos estudados, as sínteses desenvolvidas, informações referentes a eventos, sites...), e-mails, fóruns virtuais, entre outros.

Compreendemos que o registro do processo contribui na construção de produções científicas e também para que possamos ter uma noção mais clara das ações já desenvolvidas, das que estão em andamento e das que necessitamos realizar. Esses meios de comunicação e registro permitem um maior envolvimento do grande grupo, comprometendo-os também nas realizações de tarefas. O envolvimento e comprometimento do grupo são fundamentais para que um Núcleo se fortaleça, dando continuidade aos trabalhos iniciados.

Em pesquisas realizadas tanto por Freitas (2003) quanto por Montero (2003), são abordadas algumas questões fundamentais, que de certa forma sinalizam nossas ações no trabalho de extensão:

- a) De que forma é possível envolver e comprometer as pessoas (profissionais, acadêmicos, comunidade...) na realização de ações sócio-culturais, que

trazem em seus pressupostos concepções que integram ensino, pesquisa e extensão?

- b) Como manter as pessoas desenvolvendo essas ações e continuando a acreditar que vale a pena aquilo que estão fazendo?

A permanência de um Núcleo é tarefa difícil, pois geralmente os grupos iniciam com um grande número de participantes e à medida que as responsabilidades com a leitura, produção e socialização dos conhecimentos vão sendo exigidas, o grupo tende a diminuir com a desistência de alguns partícipes. Essa é uma situação que precisa ser administrada com muita cautela, no intuito de não perder de vista os pressupostos conceituais apropriados pelo grupo em detrimento de manter um número razoável de participantes. É preferível um número reduzido, mas que realmente esteja comprometido com a pesquisa, com o ensino e com a socialização dos conhecimentos.

As questões levantadas acima são fundamentais nos processos de reflexão, pois para além do compromisso com o grande grupo, precisamos nos comprometer com a produção e socialização dos conhecimentos. Esse é o pressuposto básico no trabalho de extensão de uma universidade e, portanto, compromisso também do Núcleo de pesquisa.

Considerações Finais

O trabalho de pesquisa e também o de ensino só terão sentido realmente se houver comprometimento nas ações desenvolvidas e se essas ações forem socializadas em forma de aulas, seminários, publicações, encontros e formação continuada. O comprometimento dos autores com relação à extensão dependerá sempre das culturas que construímos, ou seja, é preciso reconhecer o devido espaço do trabalho de extensão, valorizando-o tanto quanto ao da pesquisa e do ensino.

Também é fundamental que não entendamos a extensão apenas como forma de transmitir conhecimentos construídos por outrem, mas, sobretudo, como processo dialógico, no qual todos os protagonistas ao mesmo tempo que ensinam, aprendem.

A extensão, no contexto atual assume importante papel, tanto na sua relação com o ensino, quanto com a pesquisa. Acreditamos que essas interações, possam

se fortalecer por meio da formação de Núcleos que se apropriem de concepções fundamentadas na idéia de conexões entre ensino, pesquisa e extensão. O NUPAE, enquanto Núcleo que se interessa por essa tríade e que busca estar também inteirado das políticas públicas educacionais, pretende continuar desenvolvendo ações compartilhadas com os parceiros atuais, sempre aberto a novas parcerias e novos desafios.

REFERÊNCIAS

COSTA, M. V. Quem são? Que querem? Que fazer com eles? Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do século XXI. *In: MOREIRA, A. F. B; ALVES, M. P. C; GARCIA, R. L. (Orgs.). Currículo, cotidiano e tecnologias. Araraquara/SP: Junqueira&Marin, 2006.*

CUNHA, Maria Isabel. Trabalho docente e profissionalidade na universidade. *In: Revista de estudos curriculares. Ano 4, n. 1. Braga/Portugal: IEP - UMINHO, 2006.*

FREITAS, M. F. Q. *Psychosocial practices and community dynamics. Meanings and possibilities of advance from the perspective of the engaged social actors. The international journal of critical psychology.* M. Montero and P.F. Christlieb eds. 9, pp. 107- 124, London: Lawrence & Wishart, 2003.

GUERRERO, Serón Antonio. *Manual de sociologia de la educación.* Madri: Síntesis, 1996.

HART, R. *The meaning of children's participation.* EDev News – Education for development ulletin. Genebra: UNICEF, 1992.

MONTERO, M. *Teoría y práctica de la psicología comunitária.* Buenos Aires: Paidós, 2003.

SCHMIDT, M. A; GARCIA, T. M. F. B. A formação continuada de professores como espaço de recriação do currículo: possibilidades de superação do seqüestro da cognição histórica. *In: Revista de Estudos Curriculares. Ano 4, n. 2. Braga/Portugal: IEP – UMINHO, 2006.*

SHIER, H. *Pathways to participation: openings, opportunities and obligations: a new model for enhancing children's participation in decision-making, in line with article 12.1 of the United nations Convention on the Rights of the child.* Children&society, 15 (2): 107-117, 2001.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros – uma crítica ao pensamento de Althusser.* Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Texto recebido em 30 jun. 2008
Texto aprovado em 10 set. 2008.